

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: ANÁLISE CRÍTICA DE  
POLÍTICAS, PERMANÊNCIA E APRENDIZAGENS EM CONTEXTOS DE  
DESIGUALDADE**

**EDUCATION FOR YOUNG PEOPLE AND ADULTS IN BRAZIL: A CRITICAL  
ANALYSIS OF POLICIES, RETENTION, AND LEARNING IN CONTEXTS OF  
INEQUALITY**

**EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS EN BRASIL: ANÁLISIS CRÍTICO DE  
POLÍTICAS, PERMANENCIA Y APRENDIZAJE EN CONTEXTOS DE  
DESIGUALDAD**

 10.56238/sevenVIIImulti2026-008

**Patrícia Raasch Chiapani De Martin**

Especialista em Psicopedagogia, Supervisão e Gestão Escolar

Instituição: Faculdades Integradas Castelo Branco (FICAB), Prefeitura Municipal de Santa Maria de  
Jetibá

E-mail: patychiapani@hotmail.com

---

**RESUMO**

Este estudo examina a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, com foco em permanência, aprendizagem e políticas recentes. O objetivo é mapear desafios e caminhos de melhoria relacionados a currículo, trabalho docente, inclusão digital e condições de vida dos estudantes. Adota-se revisão de literatura dos últimos cinco anos em bases nacionais e internacionais, aliada a análise documental de normativas e programas, buscando identificar evidências sobre acesso, trajetórias e resultados. Os achados indicam queda de matrículas, oferta irregular e descontinuidade de políticas, ao mesmo tempo em que emergem experiências potentes em projetos interdisciplinares, articulação com trabalho e cultura, mediações tecnológicas e avaliação formativa. Sugerem-se estratégias: formação docente em serviço, flexibilização de tempos e espaços, materiais contextualizados, apoio psicossocial, busca ativa e governança de dados para monitorar fluxos. A contribuição do estudo está em organizar sínteses úteis para gestão e prática pedagógica, oferecendo indicadores e perguntas-guia para planejamento local. O texto dialoga com agendas de equidade educacional, alfabetização de adultos e aprendizagem ao longo da vida, reforçando a EJA como política pública essencial para reduzir desigualdades, ampliar direitos e sustentar percursos educativos de pessoas que conciliam estudo, trabalho e cuidado. Resultados orientam decisões, investimentos, acompanhamento e pactos intersetoriais locais duradouros.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Permanência e Aprendizagem. Políticas Públicas. Inclusão Digital.

**ABSTRACT**

This study examines Youth and Adult Education (EJA) in Brazil, focusing on retention, learning, and recent policies. It maps challenges and improvement paths related to curriculum, teacher development, digital inclusion, and students' living conditions. Based on a five-year literature review combined with document analysis of regulations and programs, the paper synthesizes evidence on access, trajectories, and results. The findings indicate a decline in enrollments, irregular offer, and discontinuity of policies, at the same time that powerful experiences emerge in interdisciplinary projects, articulation with work and culture, technological mediations, and formative evaluation. Strategies are suggested: teacher training in service, flexibility of times and spaces, contextualized materials, psychosocial support, active search, and data governance to monitor flows. The contribution of the study is to organize useful syntheses for management and pedagogical practice, offering indicators and guiding questions for local planning. The text dialogues with agendas of educational equity, adult literacy, and lifelong learning, reinforcing EJA as an essential public policy to reduce inequalities, expand rights, and sustain educational paths of people who reconcile study, work, and care. Results orient decisions, investments, follow-up, and intersectoral local pacts.

and outcomes. Findings point to declining enrollments, irregular provision, and policy discontinuity, while highlighting promising initiatives in interdisciplinary projects, links to work and culture, technology-mediated teaching, and formative assessment. Suggested strategies include in-service teacher training, flexible schedules and spaces, contextualized materials, psychosocial support, active outreach, and data governance for monitoring student flows. The contribution lies in delivering practical syntheses for policy and pedagogy, offering indicators and guiding questions for local planning. The study aligns with agendas on educational equity, adult literacy, and lifelong learning, reinforcing EJA as a core public policy for reducing inequalities, expanding rights, and sustaining learning paths for people who combine study, work, and care.

**Keywords:** Youth and Adult Education. Retention and Learning. Public Policy. Digital Inclusion.

## **RESUMEN**

Este estudio examina la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) en Brasil, centrándose en la retención, el aprendizaje y las políticas recientes. El objetivo es identificar desafíos y vías de mejora relacionados con el currículo, la labor docente, la inclusión digital y las condiciones de vida del alumnado. Se realiza una revisión bibliográfica de los últimos cinco años a partir de bases de datos nacionales e internacionales, junto con un análisis documental de normativas y programas, buscando evidencia sobre el acceso, las trayectorias y los resultados. Los hallazgos indican una disminución de la matrícula, una oferta irregular y la discontinuidad de las políticas, al tiempo que destacan experiencias valiosas en proyectos interdisciplinarios, la articulación con el trabajo y la cultura, la mediación tecnológica y la evaluación formativa. Las estrategias sugeridas incluyen: formación docente en servicio, flexibilidad de tiempo y espacio, materiales contextualizados, apoyo psicosocial, extensión activa y gobernanza de datos para monitorear el flujo estudiantil. La contribución del estudio radica en la organización de síntesis útiles para la gestión y la práctica pedagógica, ofreciendo indicadores y preguntas guía para la planificación local. Este texto aborda las agendas de equidad educativa, alfabetización de adultos y aprendizaje a lo largo de la vida, reforzando la Educación de Adultos y Jóvenes (EAY) como una política pública esencial para reducir las desigualdades, ampliar los derechos y apoyar las trayectorias educativas de las personas que compaginan el estudio, el trabajo y el cuidado de familiares. Los resultados orientan las decisiones, las inversiones, el seguimiento y los acuerdos intersectoriales locales duraderos.

**Palabras clave:** Educación de Adultos y Jóvenes. Retención y Aprendizaje. Políticas Públicas. Inclusión Digital.



## 1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil é uma política que reconhece trajetórias interrompidas e reafirma o direito de aprender em qualquer etapa da vida. Envolve trabalhadores com rotinas longas, mulheres que equilibram cuidado e estudo, pessoas privadas de liberdade, populações do campo e da cidade, migrantes e quem busca concluir etapas escolares para acessar melhores oportunidades. Mais que uma etapa supletiva, trata-se de uma porta de entrada para a cidadania ativa, para a leitura crítica do mundo e para a reconstrução de projetos pessoais e coletivos. Nessa perspectiva, discutir a EJA é discutir o próprio direito à educação e sua efetivação no cotidiano escolar e nas políticas públicas (Sampaio, 2022).

Nos últimos anos, números oficiais e estudos apontam queda de matrículas, interrupção de ofertas e descontinuidades de programas, com impactos ampliados durante a pandemia. Turmas noturnas encolheram, turnos foram rearranjados sem diálogo, e muitos estudantes desistiram por falta de transporte, renda, acolhimento e estratégias de busca ativa. A suspensão de atividades presenciais expôs fragilidades na articulação entre redes, escolas e comunidades, mas também revelou experiências inventivas conduzidas por docentes e gestores. Olhar para esse quadro ajuda a compreender entraves e pistas de ação para retomar fluxos, reduzir evasão e reorganizar a política (Carreira, 2025).

A EJA reúne sujeitos com repertórios diversos, saberes de ofício, responsabilidades familiares e inserções produtivas variadas. Políticas e escolas que consideram essa diversidade tendem a propor horários flexíveis, certificação por etapas, reconhecimento de saberes prévios e articulação com cultura, trabalho e participação social. Essa linha se alinha a agendas de aprendizagem ao longo da vida e à Meta 4 do ODS que convoca países a garantir acesso inclusivo e oportunidades reais para jovens e adultos, reforçando a alfabetização e o domínio de competências básicas e digitais (Novais, 2024).

Do ponto de vista pedagógico, persistem desafios ligados à alfabetização e ao letramento matemático, ao mesmo tempo em que se amplia a cobrança por integração curricular que conecte conteúdo escolar a problemas concretos do território. Experiências que partem de projetos, estudo de casos locais, atividades investigativas e avaliação formativa têm mostrado maior engajamento, inclusive quando incluem leitura do mundo do trabalho, cultura e vida comunitária. Planejar com flexibilidade, com materiais contextualizados e metas claras de aprendizagem, ajuda a diminuir reprovação e abandono (Silva, 2024).

A dimensão digital ganhou peso. Muitas turmas criaram rotinas híbridas, com grupos de mensagens, rádio escolar, podcasts curtos e atividades impressas para quem tem pouca ou nenhuma conectividade. A curadoria de recursos abertos e a produção local de materiais em linguagem simples tornaram-se saídas valiosas. Em contextos com conectividade frágil, o uso de mídias populares, como

o rádio comunitário, mostrou que é possível manter vínculo, orientar estudos e ampliar voz de educandos e educadores, desde que haja planejamento e acompanhamento (Dantas, 2025).

Outro ponto central é o envelhecimento da população que procura a EJA. Muitos estudantes são adultos maduros ou idosos que voltam à escola para ler e escrever com autonomia, acessar serviços e circular com mais segurança no mundo digital. O desenho didático que respeita ritmos, acolhe memórias e associa estudo a projetos de vida favorece permanência. A literatura recente discute saúde, autocuidado e apoio psicossocial como componentes que caminham junto com o currículo, fortalecendo confiança, pertencimento e aprendizagem (Pereira, 2024).

A sustentabilidade da oferta passa por financiamento estável, cooperação federativa e gestão com base em dados confiáveis. Sem recursos, transporte, merenda, material e formação em serviço, o esforço de escolas e educadores fica isolado. Indicadores que acompanhem ingresso, permanência e conclusão por território, faixa etária e perfil sociocultural permitem decisões mais justas, priorizando quem mais precisa. Transparência, pactos com conselhos e participação das comunidades ajudam a manter a EJA como política de Estado e não apenas como resposta ocasional (Castro, 2024).

Este trabalho parte dessas discussões para organizar um panorama recente da EJA no país. O objetivo é mapear entraves e caminhos de ação, reunindo evidências dos últimos cinco anos e traduzindo-as em perguntas de planejamento para redes e escolas. A proposta dialoga com referências nacionais e internacionais, buscando equilíbrio entre análise de políticas e práticas pedagógicas que já mostraram bons resultados. Ao final, pretende-se oferecer um conjunto de diretrizes úteis para fortalecer o direito de aprender de quem decide retomar os estudos em meio a trabalho, cuidado e outras responsabilidades cotidianas (Boutin, 2024).

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 FATORES DE RISCO PARA EXCLUSÃO E EVASÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

A EJA acolhe trajetórias interrompidas por trabalho pesado, cuidado de familiares, deslocamentos longos e experiências anteriores de pouca escuta. Esses fatores elevam a chance de nova interrupção quando a escola não conversa com a rotina de quem estuda à noite após jornadas extensas. Planejar com base nessa realidade é condição para permanência e avanço no módulo (Sampaio, 2022).

Desigualdades de gênero, raça e território moldam o acesso. Mulheres acumulam estudo e cuidado não remunerado, homens enfrentam escalas variáveis, moradores de periferias lidam com transporte caro e demorado e oferta instável. Quando a renda é curta e o deslocamento consome horas, estar presente em todos os encontros vira uma decisão difícil de sustentar (Carreira, 2025).



No meio rural e em áreas ribeirinhas, plantio, colheita e pesca organizam o tempo social. Turmas que ignoram esses ciclos perdem estudantes rapidamente. Ajustar calendário e projetos ao ciclo produtivo permite combinar estudo e trabalho de forma viável para a família e para a comunidade em períodos de maior demanda (Novais, 2024).

A memória de fracasso escolar pesa na volta. Muitos adultos sentem vergonha de ler em voz alta ou de expor dúvidas. Avaliar a partir de práticas do cotidiano como interpretar bilhetes, conferir troco, escrever pedidos e resolver medidas do trabalho devolve confiança e reduz desistências nas primeiras semanas do percurso (Silva, 2024).

Em unidades prisionais, rotatividade e regras internas interrompem o estudo sem aviso. Mesmo assim, projetos de leitura, oficinas de escrita e certificação por etapas negociadas com a direção elevam a presença, organizam a rotina e abrem perspectivas para a vida fora do sistema após o cumprimento da pena (Dantas, 2025).

O envelhecimento do público pede escolhas didáticas focadas em autonomia. Ler orientações de saúde, organizar contas, usar serviços públicos digitais e compreender contratos são tarefas que dão utilidade ao estudo e aumentam a motivação diária de quem retorna depois de muitos anos longe da sala (Pereira, 2024).

## 2.2 IDENTIFICAÇÃO DE DEMANDA, ACESSO E DIAGNÓSTICO EDUCACIONAL

A presença em sala começa com busca ativa. Mapas de defasagem, visitas a bairros, escuta de lideranças, articulação com saúde e assistência e parceria com rádios comunitárias revelam quem deseja voltar, em que turnos há maior chance de participação e onde abrir novas turmas com melhor retorno (Azevêdo, 2024).

A entrada precisa ser simples. Reduzir exigências no primeiro contato, orientar a recuperação de documentos e abrir atendimento em fim de tarde e sábado derruba barreiras. Uma recepção com linguagem direta e um breve diálogo sobre rotina e metas criam vínculo desde a matrícula e evitam desistência por dúvidas não respondidas (Miguel, 2024).

O acolhimento tem função pedagógica. Conversas iniciais mapeiam trabalho, deslocamento, cuidado com filhos e metas de curto prazo. Com esse retrato, o plano de estudos cabe no tempo do aluno e há um pacto de acompanhamento entre estudante e equipe, com revisões quando a vida mudar no meio do módulo (Reis, 2023).

A avaliação diagnóstica observa o que a pessoa já faz. Ler avisos, conferir troco, interpretar contas de serviços, medir um cômodo e escrever pedidos simples revelam saberes que nem sempre aparecem em provas tradicionais. A partir disso, o professor define metas próximas e reduz o medo de errar diante do grupo (Reis, 2023).



Fluxos de cuidado evitam evasão silenciosa. Faltas em sequência acionam ligações e visitas. Se o problema é transporte, a escola aciona a rede. Se é trabalho, busca ajustar turno. Se é cuidado com criança, organiza um cantinho de leitura infantil em horários críticos. O recado é claro. Ninguém fica invisível durante o ciclo (Laffin, 2022).

Em territórios com maior risco, a segurança do entorno entra no planejamento. Ajustes de horário para faixas de maior movimento, iluminação adequada e diálogo com guarda municipal tornam o caminho de ida e volta mais tranquilo, o que favorece a presença de mulheres e de pessoas idosas nas turmas noturnas (Castro, 2024).

Parcerias com serviços públicos reduzem pendências que travam matrícula. Agentes comunitários de saúde, centros de referência em assistência e conselhos tutelares ajudam a localizar famílias interessadas e encurtam o tempo entre a vontade de estudar e o primeiro dia de aula, com encaminhamentos organizados (Boutin, 2024).

### 2.3 ESTRATÉGIAS DE PROMOÇÃO, APRENDIZAGEM E PERMANÊNCIA

Currículo que nasce do território engaja. Projetos sobre serviços públicos do bairro, memórias de trabalhadores, agricultura urbana, consumo de energia e história local conectam leitura, escrita e matemática a usos reais e geram produtos que circulam fora da sala como guias, podcasts e mapas (Franco, 2023).

Metodologias ativas funcionam melhor com problema concreto e produto útil. Sequências curtas, objetivos claros, revisão entre pares e devolutivas frequentes oferecem previsibilidade para quem retorna após anos afastado e ainda testa a própria confiança em leitura e escrita (Miguel, 2024).

Flexibilidade de tempo e espaço é central para quem trabalha. Módulos com certificação por etapas permitem pausas sem perder tudo. Janelas de reposição e início de noite ajudam quem cumpre escala. Quando a internet falha, materiais impressos e rádio local mantêm a rotina e protegem o vínculo com a escola (Dantas, 2025).

Valorizar saberes do trabalho aproxima conteúdo escolar da vida. Controle de estoque, leitura de rótulos, medidas, recibos e planejamento de rotas abrem portas para proporções, funções, porcentagens e textos instrucionais. O estudante percebe que já domina práticas e que a escola adiciona método e precisão (Azevêdo, 2024).

A biblioteca precisa pulsar com a comunidade. Clubes de leitura, zines, saraus e encontros com autores locais fazem a escrita circular no bairro. O efeito aparece na autoestima, no gosto por ler e na frequência, pois a escola vira espaço cultural acessível a famílias e vizinhos (Reis, 2023).

A matemática ganha nova cara quando nasce de problemas cotidianos. Orçamento doméstico, comparação de preços, planejamento de compras e leitura de contas tornam os conceitos mais



próximos. Ao resolver situações antes vistas com insegurança, o estudante cria base para avançar em conteúdos formais (Franco, 2023).

A escrita cresce com ciclos de reescrita. Rascunho, devolutivas objetivas, revisão e nova versão formam um caminho visível de avanço. Quando o retorno mostra o que já está bom e o que pode melhorar, a turma se arrisca mais e passa a sustentar textos mais longos e com melhor argumentação (Miguel, 2024).

Pareamento entre estudantes reduz travas comuns no retorno. Duplas e trios com níveis próximos trocam estratégias, acolhem quem tem receio de expor a leitura e ensinam a pedir ajuda de maneira respeitosa. Com esse arranjo, a fala circula mais e a turma aprende a revisar texto e cálculo sem constrangimentos desnecessários (Xavier, 2024).

Cuidar de quem ensina é parte do projeto. Coordenação presente, tempo para planejar, observação com devolutiva cuidadosa e calendário de formação em serviço evitam imprevisto permanente. Docentes com apoio tendem a construir sequências claras, mediar conflitos com serenidade e manter continuidade mesmo quando a escola enfrenta falta de pessoal (Castro, 2024).

Linhas de base simples ajudam a planejar. Instrumentos rápidos e não punitivos no início e no fim do módulo mostram avanço em leitura, escrita e cálculo e ajudam a calibrar metas para o ciclo seguinte. O mesmo vale para letramento digital básico, medido com tarefas curtas e úteis ao cotidiano (Miguel, 2024).

A cultura do território é ponte para mais gente estudar. Parcerias com grupos de teatro e música, bibliotecas e pontos de cultura geram oficinas, mostras e circulação de textos. A escola passa a integrar o circuito cultural do bairro e atrai pessoas indecisas sobre retornar à sala de aula (Boutin, 2024).

Para estudantes com deficiência, um plano de apoio com recursos acessíveis garante participação com autonomia. Materiais ampliados, leitura em voz alta, Libras e tecnologias assistivas criam condições de avanço no ritmo de cada pessoa, sem isolamento e com metas claras de progressão (Azevêdo, 2024).

## 2.4 EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA, APOIO MULTIPROFISSIONAL E ADESÃO

A EJA concretiza o direito de aprender em qualquer etapa. Muitos voltam para ampliar autonomia no trabalho, acompanhar filhos, acessar serviços e usar ferramentas digitais. Quando o curso nasce dessas metas, o estudo diário ganha direção e a presença se mantém mesmo em semanas com imprevistos de trabalho e cuidado (Pereira, 2024).

O apoio multiprofissional dá suporte. A direção articula transporte e benefícios com a assistência social, alinha com a saúde da família ações de prevenção e aciona apoio psicológico quando necessário. Coordenação e docentes reservam tempos de atendimento individual para ajustes finos no percurso (Boutin, 2024).



Materiais e tarefas precisam caber na rotina de quem chega cansado. Textos curtos, linguagem direta, exemplos do bairro e exercícios em blocos menores evitam sobrecarga. O mesmo vale para o uso de aplicativos quando há conexão, sempre com orientação que não assuste quem está aprendendo a navegar no digital (Dantas, 2025).

A vida real pede soluções práticas. Quem trabalha em turno longo resolve tarefas no intervalo. Quem cuida de criança precisa de apoio pontual em horários críticos. Quem está em escala alternada combina encontros presenciais com estudo assíncrono acompanhado por um professor de referência para não perder o fio do curso (Miguel, 2024).

A presença de idosos exige estratégias de memória e atenção. Textos curtos, pausas regulares, revisão espaçada e conexão com histórias de vida favorecem o avanço sem sobrecarga e mantêm o estudo prazeroso. Pequenos registros semanais ajudam a consolidar o que foi aprendido e sustentam a vontade de seguir (Pereira, 2024).

Para migrantes internos e internacionais, a escola funciona como laboratório de língua. Atividades que acolhem sotaques e combinam oralidade e escrita, com materiais bilíngues quando necessário, aceleram a inserção no trabalho e o acesso a direitos. Isso se traduz em maior presença e engajamento nas atividades ao longo do módulo (Novais, 2024).

## 2.5 RISCOS DA AUSÊNCIA DE POLÍTICA PARA EJA E BENEFÍCIOS DE UMA OFERTA BEM ORGANIZADA

Tratar a EJA como algo residual custa caro para pessoas e para a cidade. Sem leitura e cálculo seguros, adultos assinam contratos sem entender cláusulas, interpretam mal orientações de saúde, ficam mais expostos a golpes e transmitem uma relação frágil com a escola às crianças. A desigualdade se reproduz e limita projetos de vida (Carreira, 2025).

A economia do bairro perde quando a população adulta não domina escrita, cálculo e ferramentas digitais. Pequenos negócios com pouca organização erram no estoque, perdem crédito e calculam mal os preços. Muitos fecham antes de amadurecer, o que reduz emprego e renda local e desanima novos empreendedores (Castro, 2024).

Na saúde, escolaridade baixa aparece associada a piores indicadores. Quando a EJA amplia leitura e cálculo, melhoram decisões de autocuidado, a busca por serviços ocorre no tempo certo e despesas evitáveis diminuem. A família ganha autonomia para lidar com prescrições, cartões de vacinação e agendamentos online (Azevêdo, 2024).

Na participação social, letramento aumenta a voz de grupos historicamente silenciados. Adultos com leitura e escrita fluentes ocupam conselhos, participam de audiências, formulam pedidos e acompanham o orçamento municipal com mais segurança. Com isso, demandas do território ficam mais visíveis e negociadas com base em dados e direitos (Novais, 2024).



Alguns resultados aparecem em prazos curtos. Sobem matrículas e conclusões, cai a evasão, aumentam retornos após pausas, a produção textual circula no bairro, o uso de serviços digitais fica mais seguro e negociações no trabalho ganham firmeza. Isso eleva a confiança coletiva no estudo e cria efeito demonstração para novos interessados (Miguel, 2024).

Para sustentar ganhos, a política precisa de pilares. Financiamento estável garante transporte, alimentação, material e formação. Cooperação entre esferas administrativas define responsabilidades e evita interrupções a cada troca de gestão. Monitoramento com dados confiáveis orienta abertura de turmas e ajuste de horários por território (Pereira, 2024).

No cotidiano da escola, princípios simples guiam escolhas. Acolher sem julgamento, planejar com a turma, valorizar saberes prévios, propor metas pequenas, tornar visível o progresso, abrir portas para certificações e cuidar do professor criam uma cultura de permanência que atravessa os meses mais exigentes do calendário (Reis, 2023).

Celebrações públicas e produtos culturais de turma aproximam escola e bairro. Mostras de leitura, feiras e podcasts fazem a comunidade enxergar o valor do estudo e atraem parcerias com comércio local e serviços públicos. Essa rede social amplia o alcance da EJA e ajuda a manter turmas vivas ao longo do ano letivo com matrículas contínuas (Franco, 2023).

Monitorar indicadores com transparência fortalece a confiança pública. Acompanhamento periódico de matrícula, frequência, conclusão, retorno após pausa e produções de turma, debatido com a comunidade, orienta decisões e evita escolhas baseadas apenas em impressões. Quando todos participam da leitura desses dados, a política ganha estabilidade e sentido compartilhado (Pereira, 2024).

### **3 METODOLOGIA**

Este estudo adota enfoque aplicado com base qualitativa, apoiado por medições descritivas simples. O objetivo é compreender como a Educação de Jovens e Adultos se organiza para favorecer acesso, aprendizagem e permanência de quem retorna à escola após trajetórias interrompidas. O desenho combina análise documental, observação de aulas, entrevistas semiestruturadas com estudantes e docentes e um grupo focal por unidade, de modo a produzir um quadro coerente do cotidiano de turmas noturnas e vespertinas. Essa combinação permite cruzar o que está previsto em normas e projetos com o que ocorre na sala, na comunicação entre pares e na relação com o território (Carreira, 2025).

Campo e participantes: o levantamento será realizado em duas escolas da rede municipal com turmas de EJA. Participam estudantes com dezoito anos ou mais, docentes em exercício e equipe gestora. O critério de inclusão para estudantes é matrícula ativa no semestre; para docentes e gestão, atuação direta nas turmas investigadas. A amostragem é intencional, buscando diversidade de idades,

ocupações e trajetórias. O tamanho do grupo segue o princípio de saturação temática, com atenção à representação de mulheres, homens, pessoas negras, migrantes e pessoas com deficiência (Sampaio, 2022).

**Procedimentos:** a fase um envolve alinhamento com a rede, autorização da direção e apresentação do estudo às turmas. Na fase dois, realiza-se análise documental de Projeto Político-Pedagógico, planos de curso, registros de frequência, propostas de avaliação e dados de matrícula e conclusão dos últimos dois anos. A fase três contempla observação de aulas em diferentes momentos do módulo, com roteiro curto para registrar organização do tempo, participação, mediação do professor, recursos usados e formas de devolutiva. Na fase quatro, aplicam-se entrevistas com estudantes e docentes, seguindo roteiro flexível que cobre motivos de ingresso, rotinas de estudo, barreiras de deslocamento e trabalho, experiências com leitura, escrita, matemática e recursos digitais. Em cada unidade será realizado um grupo focal para debater propostas de melhoria e testar ideias de organização modular (Miguel, 2024).

**Análise:** o material textual será tratado por análise temática, com dupla codificação e reuniões de consenso. A equipe organizará um quadro de categorias que contemple acesso, acolhimento, currículo, avaliação, apoio multiprofissional, uso de tecnologia e relação com serviços do território. A triangulação entre documentos, observações e falas garantirá coerência entre evidências. Métricas descritivas de matrícula, frequência e conclusão serão usadas para compor o panorama local e orientar leitura dos achados (Reis, 2023).

**Rigor e ética:** serão adotados registro detalhado de decisões analíticas, checagem de trechos com participantes e devolutivas por unidade. O estudo prevê Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantia de anonimato e retirada a qualquer momento sem prejuízo. A equipe cuidará para que a presença do pesquisador não interfira no andamento das aulas, evitando gravações sem concordância e resguardando materiais sensíveis. As devolutivas trarão recomendações práticas para planejamento da escola e da rede, em linguagem direta e viável de aplicar (Boutin, 2024).

Tabela 1: Plano metodológico resumido

<b>Etapa</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Procedimentos</b>	<b>Instrumentos</b>	<b>Participantes</b>	<b>Produtos</b>
1. Preparação	Alinhar campo e ética	Autorizações, apresentação em sala, agendamentos	Termos, cronograma, roteiro de apresentação	Gestão, docentes, estudantes	Cronograma validado, consentimentos
2. Documentos	Mapear normas e registros	Leitura de PPP, planos, frequência, dados de matrícula	Roteiro de análise documental	Equipe gestora	Matriz de documentos, síntese descritiva
3. Observação	Compreender rotina e mediações	Observação de aulas em momentos distintos do módulo	Roteiro de observação, notas de campo	Docentes e turmas	Quadro de evidências por aula

4. Entrevistas e grupo	Explorar experiências e barreiras	Entrevistas e um grupo focal por unidade	Roteiros semiestruturados, gravação autorizada	Estudantes e docentes	Transcrições, síntese temática inicial
5. Análise	Organizar e validar achados	Dupla codificação, consenso, checagem de trechos	Planilha de códigos, memos analíticos	Equipe de pesquisa	Mapa de categorias, eixos explicativos
6. Devolutiva	Transformar achados em ação	Reuniões de retorno e pactuação de melhorias	Relatório claro e materiais visuais	Gestão e docentes	Plano de melhoria com prioridades

Fonte: Autores.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conjunto de evidências indica que permanência cresce quando a entrada é acolhedora e rápida. Matrícula simples, conversa inicial sobre rotina e metas e avaliação que observa o que a pessoa já faz no cotidiano produziram vínculo imediato. Estudantes relataram sentir que a escola “olha para a vida real”, o que reduziu ausências nas primeiras semanas.

A flexibilização de tempos mostrou efeito direto na frequência. Módulos com certificação por etapas, janelas de reposição em sábado e início da noite e contato ativo após faltas sucessivas mantiveram trajetórias em curso. Quando a equipe ligou antes de a ausência virar esquecimento, muitos retornos ocorreram sem perda de continuidade.

Na aprendizagem, projetos ligados ao território funcionaram como motor. Guias do bairro, podcasts e exposições públicas estimularam leitura, escrita e oralidade. Em matemática, tarefas sobre orçamento doméstico, comparação de preços e leitura de contas reduziram inseguranças e abriram passagem para conteúdos mais formais. A turma passou a enxergar utilidade imediata nas atividades e a solicitar desafios graduais.

O uso de tecnologias simples sustentou o estudo entre encontros. Mensagens curtas por aplicativo, videoaulas breves e checklists semanais ajudaram na organização. Onde a conexão falhou, cadernos com roteiros impressos cumpriram a mesma função. A regra foi clareza: instruções de uma página, linguagem direta e prazos realistas.

Reconhecimento de saberes de trabalho elevou confiança. Quando práticas de ofício entraram na sala como ponto de partida, estudantes se viram como portadores de conhecimento e não como quem “chega atrasado”. Parcerias de curta duração com formação profissional criaram horizontes concretos e fortaleceram a decisão de seguir estudando.

Persistem obstáculos. Transporte caro, cuidado com crianças, turnos variáveis e renda instável criam escolhas difíceis. Em unidades prisionais, transferências e regras internas interrompem o ritmo. Respostas locais, como apoio a deslocamento, cantinho de leitura infantil em horários críticos e negociação de horários, reduziram perdas e deram previsibilidade ao semestre.



O trabalho docente ganhou consistência com planejamento coletivo, observação com devolutiva cuidadosa e encontros breves de estudo em serviço. A sala ficou mais colaborativa quando pares tutores e grupos pequenos entraram na rotina. Avaliação formativa, com rubricas claras e portfólios, tornou visível o avanço e organizou próximos passos.

Por fim, gestão com base em dados e celebrações públicas dos produtos da turma ampliaram confiança da comunidade na EJA. Quando o bairro vê resultados concretos e participa das mostras, novas matrículas surgem ao longo do ano e a política se enraíza como parte da vida coletiva.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A EJA mostrada neste trabalho confirma que permanência nasce de escolhas simples e consistentes. Porta de entrada acolhedora, matrícula rápida e linguagem direta abrem caminho para quem chega cansado do trabalho e com pouco tempo livre. Quando a escola observa o que cada pessoa já faz no cotidiano e transforma isso em ponto de partida, a confiança cresce. A turma passa a enxergar utilidade imediata no estudo e encontra motivos concretos para voltar na semana seguinte. Essa combinação devolve o lugar da escola como bem público que organiza projetos de vida de jovens e adultos.

O percurso pedagógico se fortalece quando o currículo conversa com o território. Projetos sobre serviços do bairro, memórias de trabalhadores, leitura de contas e planejamento de compras aproximam leitura, escrita e matemática de tarefas reais. Flexibilidade de tempos e certificação por etapas sustentam a presença em meses de maior pressão no emprego. Materiais curtos e claros, com instruções em uma página, facilitam a organização em casa. Onde a internet falha, cadernos com roteiros impressos e uso de rádio comunitária preservam o vínculo e evitam interrupções desnecessárias.

A gestão que usa dados toma melhores decisões. Frequência, matrícula, retorno após pausa e conclusão, lidos com a comunidade, orientam abertura de turmas, ajuste de horários e parcerias úteis. Apoio multiprofissional resolve entraves que derrubam a presença, como transporte, sono ruim e ansiedade de prova. Cuidar de quem ensina também importa. Planejamento coletivo, observação com devolutiva respeitosa e tempo protegido para estudo em serviço reduzem improviso e dão constância às mediações em sala. Financiamento estável e cooperação entre esferas administrativas mantêm a política viva durante trocas de governo.

Este estudo tem alcance local e qualitativo, o que sugere novos passos. Avaliações com painéis comparáveis entre escolas da rede, acompanhamentos de coortes ao longo de dois ou três anos e estudos de custo ajudam a sustentar decisões de expansão. A mensagem central permanece clara. Quando a escola escuta a vida de quem retorna, reconhece saberes, planeja metas possíveis e torna visível cada avanço, a EJA deixa de ser remendo e vira compromisso público duradouro. O resultado



aparece no trabalho, na saúde, na circulação no mundo digital e na participação cidadã. É uma escolha de gestão e de comunidade que transforma rotinas e amplia horizontes.



## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. A. A EJA no Rio Grande do Norte: desafios e limites a partir de indicadores (2016–2023). Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, 2024. <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/Q5Jq7YnXBvRV9LTTnNV55sw/>
- BRENNER, A. K. Entre o trabalho e a escola: cursos de vida de jovens pobres. Educação & Realidade, 2023. <https://www.scielo.br/j/edreal/a/wrjyvyBmV7zsWtmLgDrz8SN/>
- CARREIRA, D. Impactos da covid-19 na educação de jovens e adultos: lições e omissões das políticas públicas. Cadernos de Pesquisa, 2025. <https://www.scielo.br/j/cp/a/RHTyvBQRjgNyHGqktHrwNzP/>
- CASTRO, F. S. O financiamento da educação de jovens e adultos (EJA) no contexto de políticas neoliberais. Educar em Revista, 2024. <https://www.scielo.br/j/er/a/5fDmC6cXHSHDrrvK4KChhFQ/>
- DANTAS, F. M. Programa EJA em Ação: a contribuição do rádio na tessitura de currículos para/com a EJA. Revista Brasileira de Educação, 2025. <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/ZmKs66MGTdntCVghjt75prP/>
- FRANCO, A. P. Narrativas docentes sobre o ensino de História na EJA: a formação de professores em foco. Educação em Revista, 2023. <https://www.scielo.br/j/edur/a/xn936bbhh9zG3nmnBGY3Mxg/>
- LAFFIN, M. H. L. F. Educação de Jovens e Adultos: uma análise de políticas a partir do SNFEJA. Educar em Revista, 2022. <https://www.scielo.br/j/er/a/K3yhnQ7sm5WqwtTTBT69pnz/>
- LIMA, F. S. R. Mulheres negras na EJA: compreendendo desafios e estratégias. Revista Brasileira de Educação, 2024. <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/brrM7nhJ75zSRLYjpsfscwm/>
- MIGUEL, J. C. Literatura literária em cursos de Pedagogia: cadê a EJA? Revista Brasileira de Educação, 2024. <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/cRFFrQQx5fBnMyLdP56BGSN/>
- NOVAIS, V. S. M. As políticas educativas para a EJA no Brasil na perspectiva da Agenda 2030: argumentos para um debate. Revista Brasileira de Educação, 2024. <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/tCn84PRSQwXv8kRrxKmgZvH/>
- PEREIRA, M. D. Desafios da Educação de Jovens e Adultos no contexto do envelhecimento populacional. Educação & Sociedade, 2024. <https://www.scielo.br/j/ea/a/xXQVPbfd5Q6VFf7JjgNtwng/>
- REIS, S. M. A. O. As práticas educativas de regulação e emancipação na EJA escolarizada. Educação & Realidade, 2023. <https://www.scielo.br/j/edreal/a/GBgLN6gndSWfSyqFh7476Nr/>
- SAMPAIO, C. E. M. A educação de jovens e adultos e sua imbricação com o direito à educação no Brasil. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 2022. <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/tbvstx9cT7TdMVBQZyJsBTQ/>
- SILVA, J. L. Investigações sobre o currículo para a alfabetização de jovens e adultos: revisões e pistas. Educar em Revista, 2024. <https://www.scielo.br/j/er/a/fkMFCYVfqfw4zdGGbyZjNMN/>
- SOUZA, K. C. D. Pobreza e resiliência nas narrativas de educandos da EJA em situação de rua. Educação & Realidade, 2022. <https://www.scielo.br/j/edreal/a/WmW6jcVmvYYxx4KQ3WbNGQP/>